

USO DE ESTEROIDES ANABOLIZANTES E IMPLICAÇÕES PARA A SAÚDE MENTAL EM ADULTOS EMERGENTES PRATICANTES DE MUSCULAÇÃO

MENTAL HEALTH AND THE USE OF ANABOLIC STEROIDS BY EMERGING ADULT BODYBUILDERS

Recebido em: 08/06/2025

Reenviado em: 26/11/2025

Aceito em: 30/11/2025

Publicado em: 31/12/2025

Amanda Mendes Nascimento¹ 

Centro Universitário da Serra dos Órgãos

Bruno da Silva Campos² 

Centro Universitário da Serra dos Órgãos

Flavia Noro³ 

Centro Universitário La Salle

Mirelli Aparecida Neves Zimbrão⁴ 

Centro Universitário da Serra dos Órgãos

Resumo: Este estudo investiga a relação entre saúde mental e o uso de esteroides anabolizantes por adultos emergentes praticantes de musculação. A revisão bibliográfica aponta que pressões culturais e ideais de corpo masculino, promovidos pela mídia, influenciam o uso dessas substâncias. Além dos impactos físicos, o uso de esteroides também impacta a saúde mental dos usuários, acarretando problemas como transtornos de humor, transtornos de autoimagem e aumento da agressividade. Os resultados encontrados confirmam que o uso dos esteroides anabolizantes androgênicos é motivado por fatores psicossociais, bem como afetam negativamente a saúde mental dos usuários.

Palavras-chave: Esteroides Anabolizantes Androgênicos; EAA; Musculação; Saúde Mental.

Abstract: This study investigates the relationship between mental health and the use of anabolic steroids by emerging adults who practice bodybuilding. The literature review points out that cultural pressures and ideals of the male body, promoted by the media, influence the use of these substances. In addition to the physical impacts, the use of steroids also impacts the mental health of users, leading to problems ranging from mood disorders, self-image disorders and increased aggressiveness. The results confirm the hypothesis that the use of anabolic androgenic steroids is motivated by psychosocial factors, as well as negatively affecting the mental health of users.

Keywords: Androgenic Anabolic Steroids; AAS; Bodybuilding; Mental Health.

¹ Graduada em Psicologia no Centro Universitário da Serra dos Órgãos – UNIFESO, Brasil, RJ, Teresópolis. E-mail: amandamendesnasci.psi@gmail.com

² Doutor em Saúde Coletiva, Coordenador do curso de Psicologia do Centro Universitário da Serra dos Órgãos – UNIFESO, Brasil, RJ, Teresópolis. Professor Universitário no UniLaSalle, Brasil, RJ, Niterói. E-mail: brunocampos1@gmail.com

³ Doutoranda em Psicologia Social na Universidade Salgado de Oliveira – UNIVERSO, Brasil, RJ, Niterói. Professora Universitária no UniLaSalle, Brasil, RJ, Niterói. E-mail: flavianoro.psi@gmail.com

⁴ Mestre em Psicologia na Universidade Católica de Petrópolis, Brasil, RJ, Petrópolis. Coordenadora adjunta do curso de Psicologia do Centro Universitário da Serra dos Órgãos – UNIFESO, Brasil, RJ, Teresópolis. E-mail: mirellizimbrão.psi@gmail.com

INTRODUÇÃO

A saúde mental, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), é um estado de bem-estar no qual o indivíduo reconhece suas capacidades, consegue lidar com os estresses cotidianos, trabalhar de forma produtiva e contribuir para sua comunidade (OMS, 2014). Historicamente, prevaleceu uma visão dicotômica que separava corpo e mente como esferas distintas, o que influenciou por muito tempo os discursos e práticas em saúde. Contudo, avanços nas áreas biomédica e psicossocial possibilitaram uma compreensão mais integrada da saúde, na qual os aspectos físicos e mentais são interdependentes e igualmente relevantes para o bem-estar do indivíduo (Alcântara *et al.*, 2022).

Sob essa perspectiva, é fundamental reconhecer que o uso de esteroides anabolizantes androgênicos (EAA) impacta o sujeito em sua totalidade, com repercussões significativas tanto no funcionamento corporal quanto na saúde mental. Os EAA são substâncias sintéticas derivadas da testosterona, utilizadas clinicamente no tratamento de condições como hipogonadismo, certos tipos de anemia e perda muscular associada à AIDS (Freitas, 2019). No entanto, seu uso extrapola o contexto terapêutico, sendo amplamente difundido entre atletas e, mais recentemente, entre praticantes de musculação recreativa, principalmente em busca de ganhos estéticos e aumento da massa muscular (Abrahin; Sousa, 2013; Soci *et al.*, 2009).

O uso dessas substâncias no esporte remonta à década de 1950, quando surgiram indícios de que atletas soviéticos e norte-americanos recorriam aos esteroides para melhorar o desempenho competitivo (Almeida, 2010). Entretanto, a regulamentação do uso de esteroides anabolizantes, como a testosterona e seus derivados, no contexto esportivo teve início ainda nas décadas anteriores à criação da Agência Mundial Antidoping (WADA). A testosterona passou a integrar oficialmente a lista de substâncias proibidas pelo Comitê Olímpico Internacional (COI) em 1982. Assim, foi somente a partir de 1999, com a fundação da WADA, que se estabeleceu uma coordenação internacional mais sistematizada e rigorosa das políticas antidoping, marcando um avanço significativo no combate global ao uso de substâncias ilícitas no esporte (WADA, 2021).

Contudo, o consumo de EAA não se restringe ao esporte profissional. Tem-se observado um crescimento expressivo do uso recreativo dessas substâncias, especialmente entre homens jovens que frequentam academias e visam a hipertrofia muscular como forma de adequação a padrões estéticos idealizados (Kanayama; Pope, 2018). Esse uso, na maioria das vezes, ocorre de forma autônoma e sem acompanhamento médico, o que aumenta os riscos de complicações clínicas e psicológicas. Entre os efeitos adversos estão disfunções nos sistemas reprodutivo,

dermatológico, endócrino e neuropsiquiátrico, representando um sério risco à saúde dos usuários (Cisneiros *et al.*, 2021).

Nesse contexto, o uso de esteroides anabolizantes entre praticantes de musculação recreativa configura-se como uma questão emergente de saúde pública (Moraes; Castiel; Ribeiro, 2015). A pressão por aceitação social, o culto ao corpo e a valorização de padrões estéticos inatingíveis — muitas vezes disseminados por mídias tradicionais e redes sociais — são fatores que contribuem para a adesão a essas substâncias (Iriart; Chaves; Orleans, 2009). Dessa forma, torna-se imprescindível compreender os fatores psicossociais que influenciam essa escolha, incluindo as motivações subjetivas e os contextos socioculturais que favorecem o uso.

Segundo Monaghan (2009), o predomínio do modelo biomédico nos discursos sobre o uso de EAA tende a silenciar aspectos importantes da experiência dos usuários, como os significados simbólicos do corpo, as relações sociais e as pressões culturais. Essa abordagem reducionista, além de reforçar estigmas, dificulta o desenvolvimento de estratégias preventivas e interventivas mais eficazes, que considerem a complexidade das motivações envolvidas.

Diante disso, este trabalho tem como objetivo analisar os fatores psicossociais que levam adultos emergentes praticantes de musculação ao uso de esteroides anabolizantes. Além disso, busca-se investigar os impactos desse uso na saúde mental, contribuindo para uma compreensão mais ampla e crítica sobre o fenômeno.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, de caráter descritivo, conduzida por meio de uma revisão bibliográfica. Essa modalidade de estudo baseia-se na análise de materiais previamente publicados sobre a temática em questão, com o objetivo de sistematizar o conhecimento já existente e identificar lacunas que possam subsidiar futuras investigações. Para a construção do referencial teórico, foram consultadas fontes secundárias, como livros e artigos científicos, obtidos por meio das plataformas Google Acadêmico, SciELO e PubMed. Além disso, foram utilizadas matérias jornalísticas que apresentavam dados atualizados e relevantes para a discussão proposta, considerando a atualidade e a pertinência das informações veiculadas.

O recorte temporal adotado abrangeu publicações compreendidas entre os anos de 1982 e 2024, contemplando produções nos idiomas português e inglês. Ao todo, foram analisados 43 materiais entre artigos científicos, livros e reportagens, todos selecionados com base em

critérios previamente definidos. Os critérios de inclusão consideraram publicações com acesso ao conteúdo completo, com qualidade metodológica reconhecida e que apresentassem relação direta com a temática investigada. Foram excluídas, por sua vez, fontes que disponibilizavam apenas o resumo, apresentavam fragilidade metodológica ou que não mantinham pertinência com o escopo central da pesquisa.

As palavras-chave utilizadas para o refinamento das buscas foram: “esteroides anabolizantes androgênicos”, “saúde mental”, “musculação”, “EAA” e “esteroides”. O processo metodológico envolveu a leitura crítica, o registro sistemático e a análise interpretativa dos referenciais selecionados, visando à construção de um panorama compreensivo sobre os aspectos psicossociais envolvidos no uso de esteroides anabolizantes e suas implicações para a saúde mental.

DOS ATLETAS DE ELITE AOS PRATICANTES AMADORES: A EVOLUÇÃO HISTÓRICA DO USO DE ESTEROIDES ANABOLIZANTES ANDROGÊNICOS (EAA)

A utilização de substâncias com o intuito de aprimorar o desempenho físico remonta a períodos históricos diversos. Na Grécia Antiga, por exemplo, há registros de atletas que consumiam testículos de carneiro — uma fonte rudimentar de testosterona — como preparação para os Jogos Olímpicos (Martins *et al.*, 2005). Outras culturas também recorriam a recursos similares: na China, utilizava-se fitoterapia para aumentar a resistência física, enquanto os gladiadores romanos empregavam substâncias estimulantes para suportar a dor e a exaustão nos combates (Silva, 2021).

Essa busca ancestral pela superação dos limites do corpo antecede o desenvolvimento científico moderno, mas serviu de base para investigações posteriores. Um marco importante ocorreu no século XIX, com os experimentos do fisiologista Charles-Édouard Brown-Séquard, que, em 1889, anunciou ter desenvolvido uma solução à base de glândulas sexuais de animais, com supostos efeitos rejuvenescedores e de aumento da força física e mental (Figueiredo, 2013). Embora seus resultados tenham sido amplamente contestados pela comunidade científica, suas hipóteses anteciparam, de forma pioneira, o entendimento sobre os hormônios sexuais masculinos (Tramontano, 2012).

O isolamento e a síntese da testosterona só ocorreriam décadas depois, em 1935, pelos pesquisadores Károly Gyula David e Ernst Laqueur, a partir de testículos bovinos (Darcoletto, 2018). Durante a Segunda Guerra Mundial, o uso de testosterona foi incorporado por militares

alemães, como forma de aumentar a agressividade dos soldados (Ramalho; Baroni, 2003), influenciando sua posterior adoção por atletas durante o cenário da Guerra Fria. Entre os anos 1950 e 1980, o uso dos EAA se tornou estratégico na disputa geopolítica entre Estados Unidos e União Soviética, com o esporte sendo utilizado como vitrine de poder e superioridade nacional (Beamish; Ritchie, 2005).

A proibição oficial do uso de esteroides em competições esportivas ocorreu em 1974. No Brasil, o reconhecimento dessas substâncias como doping foi formalizado em 1985, por meio da Portaria n.º 531 (Lise *et al.*, 1999). Na década seguinte, a criação da Agência Mundial Antidoping (WADA) consolidou a normatização internacional, banindo o uso de testosterona e seus derivados em eventos esportivos oficiais (Almeida, 2010).

Contudo, a partir da década de 1980, os EAA ultrapassaram os limites do esporte de alto rendimento e passaram a ser amplamente utilizados por praticantes amadores de musculação, especialmente por motivos estéticos. A cultura ocidental, influenciada por padrões midiáticos, passou a valorizar corpos hipermusculosos como ideais de masculinidade. Ícones culturais como Arnold Schwarzenegger, Sylvester Stallone e personagens como G.I. Joe contribuíram para a disseminação dessa estética, promovendo uma imagem de virilidade associada à hipertrofia (Zahnow, 2018; Kanayama; Pope, 2018).

Esse novo padrão corporal passou a ser fortemente replicado em mídias e produtos culturais, gerando pressões sociais sobre os homens e contribuindo para a crescente medicalização do corpo masculino. Até a década de 1980, os EAA eram facilmente obtidos por meio de receitas médicas e encontrados em farmácias. No entanto, com o aumento do controle regulatório, a comercialização passou a se dar de forma clandestina, com aquisição em academias, mercados ilegais e plataformas online (Charal *et al.*, 2021).

Atualmente, o uso recreativo de EAA representa um desafio à saúde pública global. No Brasil, dados da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), divulgados por Scaff (2024), apontam um aumento de 670% na comercialização dessas substâncias em apenas cinco anos. É importante destacar que esses dados não contemplam o mercado ilegal, o que indica uma subnotificação do real panorama do consumo.

USO TERAPÊUTICO E NÃO TERAPÊUTICO DOS ESTEROIDES ANABOLIZANTES ANDROGÊNICOS

Os EAA são substâncias sintéticas derivadas da testosterona, desenvolvidas para simular seus efeitos anabólicos e androgênicos. O uso terapêutico inclui o tratamento de condições

como hipogonadismo, anemias, osteoporose, perda muscular em doenças crônicas e estados de debilidade extrema, como em pacientes com câncer ou AIDS (Cunha *et al.*, 2017; Cisneiros *et al.*, 2022). Quando utilizados sob supervisão médica e em doses controladas, os riscos de efeitos colaterais são reduzidos, embora não totalmente eliminados.

Contudo, o uso não terapêutico — também denominado uso recreativo ou cosmético — tem se expandido de forma alarmante. Indivíduos, em especial homens jovens, utilizam EAA com o intuito de alcançar rápida hipertrofia muscular, melhoria da performance física e reforço de características associadas à masculinidade (Dutra *et al.*, 2012; Kanayama; Pope, 2018). Essa prática, frequentemente sem orientação profissional, está associada a sérias consequências para a saúde física e mental, como apontam Cisneiros *et al.* (2022), incluindo danos aos sistemas cardiovascular, hepático, reprodutivo, renal, musculoesquelético, dermatológico e neuropsiquiátrico.

Em resposta ao crescimento do uso indevido, o Conselho Federal de Medicina publicou a Resolução nº 2.333/2023, proibindo a prescrição de EAA para fins estéticos, de aumento de massa muscular ou performance esportiva. A normativa permite o uso apenas em situações clínicas devidamente diagnosticadas e com respaldo científico, vedando também a promoção de cursos e eventos que incentivem seu uso indevido (CFM, 2023).

Apesar dos riscos amplamente divulgados, estudos mostram que muitos usuários continuam a utilizar EAA sem prescrição médica, cientes dos efeitos adversos, mas influenciados por promessas de resultados rápidos e por informações provenientes de fontes não confiáveis (Oliveira; Neto, 2018; Charal *et al.*, 2021).

Além disso, o discurso oficial sobre os EAA no Brasil tem se concentrado em um modelo repressivo, focado na criminalização e no controle, como destaca Alves (2009 apud Cechetto; Moraes; Faria, 2012). Esse enfoque, alinhado à lógica da "guerra às drogas", negligência as complexas motivações sociais, culturais e subjetivas que sustentam o uso dessas substâncias. Torna-se, portanto, essencial considerar tais fatores para ampliar o debate e desenvolver estratégias mais eficazes de prevenção e cuidado.

MOTIVAÇÕES PARA O USO DOS EAA

Monaghan (2009) argumenta que grande parte dos estudos sobre o uso de esteroides anabolizantes androgênicos (EAA) concentra-se em explicações de ordem biológica, classificando os usuários como dependentes e restringindo a compreensão do fenômeno à esfera da adicção. No entanto, o autor propõe uma abordagem complementar entre os fatores

biológicos e socioculturais, defendendo que as explicações sociais ampliam a compreensão dos motivos que levam ao uso dessas substâncias, ao considerar as influências culturais, as pressões estéticas e as construções subjetivas e coletivas do corpo.

Nesse sentido, segundo Goetz *et al.* (2008), o corpo, além de ser uma estrutura biológica, é também uma construção simbólica, moldada por representações sociais e pessoais. A forma como os indivíduos percebem, modificam e significam seus corpos está diretamente relacionada à tentativa de resistência aos efeitos do tempo e à busca pela manutenção de uma aparência idealizada. Para Jodelet (1984, apud Goetz *et al.*, 2008), compreender o corpo a partir de suas representações sociais é essencial para identificar os modelos de pensamento e comportamento que se disseminam culturalmente.

A pesquisa de Iriart, Chaves e Orleans (2009), baseada em entrevistas etnográficas com praticantes de musculação em academias de bairros de classe média e popular em Salvador (BA), identificou que a insatisfação corporal figura como motivação central para o uso dos EAA. Tal insatisfação é intensificada pela mídia, que propaga padrões corporais inalcançáveis, resultando na idealização de um corpo muscular e definido. Nesse contexto, os usuários tendem a representar seus corpos como inacabados — comparáveis a um diamante bruto que precisa ser lapidado — recorrendo aos esteroides como ferramentas de controle e aperfeiçoamento corporal.

Essa lógica de construção do corpo, fortemente presente na cultura do “bodybuilding”, associa a musculação e o uso de EAA a um ideal ascético, em que sacrifício, dor e disciplina são interpretados como virtudes morais. Um dos informantes da pesquisa expressou esse pensamento ao afirmar: “a pessoa que tem o corpo grande demonstra que é superior” (Iriart; Chaves; Orleans, 2009), evidenciando a correlação entre estética corporal e superioridade simbólica.

Para Courtine (2005, apud Sanches, 2022), a figura do bodybuilder difundiu a chamada “cultura do músculo” por meio da sua visibilidade em mídias como o cinema e a televisão. Contudo, tal visibilidade não se limita ao espetáculo: trata-se de uma indústria que lucra com a imposição de valores morais corporificados. Esses valores se atualizam na contemporaneidade por meio da cultura fitness, paradigma atual de interpretação e controle do corpo (Sanches, 2022).

De acordo com Estevão e Bagrichevsky (2004), a disseminação de mensagens midiáticas por revistas, programas de TV e redes sociais incentiva uma forma de autogerenciamento corporal. A promessa meritocrática de que qualquer pessoa pode alcançar o

corpo ideal por esforço próprio, através de dietas rigorosas e treinos intensivos, leva muitos indivíduos a adotarem práticas extremas — entre elas, o uso de esteroides.

Chaves e Ferreira (2009) apontam que o uso dos EAA pode operar sob duas lógicas: a prometeica e a fáustica. Na primeira, os usuários desenvolvem conhecimento técnico e científico sobre as substâncias, acreditando poder controlar seus efeitos e gerenciar os riscos. Já na dimensão fáustica, o uso se torna compulsivo, e o sujeito perde o controle, mantendo o comportamento mesmo diante de riscos evidentes.

Essas práticas se inserem nas três categorias de representações sociais do corpo identificadas por Jodelet, Ohana, Besis-Moñino e Dannenmüller (1982, apud Goetz *et al.*, 2008): (1) funcional, voltada à preservação da saúde e aparência; (2) moral, que valoriza a disciplina e o respeito por si; e (3) narcisista, relacionada ao desejo de se exibir e seduzir por meio da aparência. Tais representações são reforçadas e moldadas por influências midiáticas.

Medeiros (2019) afirma que a cultura contemporânea, amplificada pelas redes sociais, promove um ideal corporal inatingível que leva muitos indivíduos à obsessão pela aparência perfeita, desencadeando transtornos como a dismorfia muscular. O culto ao corpo, impulsionado pela lógica da cultura fitness, gera impactos psicológicos significativos, como insatisfação corporal e práticas nocivas à saúde.

Ferreira, Castro e Gomes (2005, apud Soligon; Tilio, 2024) destacam que a insatisfação corporal masculina é influenciada por padrões de corpos volumosos e definidos, frequentemente promovidos pelas mídias sociais. A teoria da comparação social, formulada por Festinger (1954), também ajuda a explicar essa motivação: os indivíduos tendem a comparar-se com modelos idealizados, mesmo que não semelhantes a si, impulsionados pelo princípio da eficiência cognitiva (Mussweiler; Epstude, 2009, apud Carvalho; Freitas; Ferreira, 2016), privilegiando memórias visualmente acessíveis e frequentemente ativadas pelas mídias.

Dessa forma, o corpo ideal se torna uma referência internalizada, reforçando padrões culturais e morais que atribuem valor à força, ao vigor, à disciplina e ao autocontrole (Schwengber; Brachtvogel; Carvalho, 2019). Embora tais padrões estejam disseminados na memória coletiva, como alertam Estevão e Bagrichevsky (2004), transformações corporais intensas dificilmente ocorrem sem intervenções farmacológicas — o que torna o imediatismo, viabilizado pelos EAA, uma das principais motivações para seu uso (Iriart; Chaves; Orleans, 2009).

Outro fator relevante é o conceito de capital simbólico (Bourdieu, 2013), no qual o corpo trabalhado funciona como um ativo que pode promover ascensão social. Nesse sentido,

indivíduos de classes sociais mais baixas utilizam o corpo musculoso como recurso para inserção profissional, conforme os achados de Abrahin *et al.* (2011), que identificaram o uso dos EAA como estratégia de marketing pessoal.

Aspectos de gênero também desempenham papel central na motivação para o uso dos EAA. O ideal de masculinidade hegemônica associa virilidade à força física, promovendo o corpo musculoso como símbolo de poder e dominação (Iriart; Chaves; Orleans, 2009). Autores como Klein (2001), Courtine (2005) e Le Breton (2003) veem a hipermusculatura como resposta a um sentimento de perda da potência viril frente à crise dos papéis tradicionais de gênero. Assim, o “corpo carapaça” torna-se uma defesa contra a insegurança diante das mudanças socioculturais contemporâneas. Para Santos, Paulista e Prado (2017), quanto maior o grau de hipertrofia muscular, maior a proximidade do modelo de masculinidade valorizado nas academias, estabelecendo hierarquias entre os frequentadores com base na morfologia corporal.

Dados de Abrahin *et al.* (2011) revelam que a maioria dos usuários de EAA no Brasil são homens jovens, entre 18 e 29 anos, faixa etária correspondente à adultez emergente, caracterizada por instabilidade, busca de identidade e tendência à assunção de riscos (Berger, 2017). O fenômeno conhecido como “accident humps” — picos de acidentes e comportamentos arriscados entre jovens do sexo masculino — ajuda a entender a associação entre juventude, masculinidade e uso de substâncias como os EAA.

Esse comportamento se alinha ao que Le Breton (2003, apud Cecchetto; Moraes; Faria, 2012) denomina de condutas de risco como marcas de virilidade. Os usuários, ao recorrerem aos chamados “ciclos” e técnicas de dosagem, acreditam exercer controle sobre os riscos, o que lhes confere a sensação de domínio e reafirma sua masculinidade.

ESTEROIDES ANABOLIZANTES: EFEITOS PSICOLÓGICOS E SAÚDE MENTAL

O uso de esteroides anabolizantes androgênicos (EAA) tem sido associado a uma ampla gama de efeitos adversos sobre a saúde mental, variando conforme a dose, o tempo de uso, as características individuais e os contextos sociais envolvidos. Embora os EAA sejam reconhecidos por seus efeitos fisiológicos, seus impactos psíquicos ainda são subestimados, tanto na literatura científica quanto nos discursos públicos sobre a substância.

Silva e Moreira (2021) destacam que o uso prolongado ou abusivo de EAA pode desencadear ou agravar sintomas como irritabilidade, agressividade, instabilidade emocional, impulsividade, paranoia, além de quadros depressivos e ansiosos. A literatura aponta, ainda, a

ocorrência de episódios psicóticos em usuários com predisposições, sugerindo que os EAA podem atuar como desencadeadores ou catalisadores de transtornos mentais.

De acordo com a Classificação Internacional de Doenças (CID-11), o uso de EAA pode configurar um transtorno mental e comportamental relacionado ao uso de substâncias psicoativas, enquadrando-se como um padrão de uso prejudicial. Em muitos casos, observa-se o desenvolvimento de tolerância e dependência psicológica, com sintomas de abstinência que incluem disforia, fadiga, desejo intenso de uso e ideação suicida, sobretudo após a interrupção abrupta do consumo (Kanayama *et al.*, 2008). Essa relação com os sintomas depressivos é especialmente preocupante, já que, em alguns usuários, o uso dos EAA é motivado por quadros prévios de baixa autoestima, dismorfia corporal ou insatisfação crônica com a imagem. Ou seja, o uso pode começar como uma tentativa de aliviar o sofrimento psíquico, mas, paradoxalmente, tende a intensificá-lo com o tempo.

Nesse sentido, a dismorfia muscular — conhecida popularmente como “vigorexia” — tem ganhado destaque como transtorno que acomete principalmente homens, caracterizado pela obsessão com o aumento da massa muscular e pela percepção distorcida do próprio corpo, mesmo após conquistas estéticas visíveis. Conforme Pope *et al.* (2000), indivíduos com dismorfia muscular apresentam maior propensão ao uso de EAA, muitas vezes como forma de corrigir o que percebem como “falhas” em sua aparência.

A vigorexia compartilha características com transtornos alimentares, como anorexia e bulimia, em especial no que se refere à relação disfuncional com a imagem corporal e à busca compulsiva por um ideal físico inatingível. Contudo, enquanto os transtornos alimentares costumam estar mais associados à feminilidade e à magreza, a dismorfia muscular se relaciona à masculinidade e à hipermusculatura, expressando uma versão contemporânea da pressão estética sobre os corpos masculinos.

O uso de EAA pode, ainda, potencializar traços de personalidade pré-existentes, como impulsividade, necessidade de controle e hostilidade, o que pode levar a episódios de agressividade extrema — fenômeno denominado na literatura como “roid rage”. Embora sua ocorrência não seja universal, estudos sugerem que indivíduos predispostos a comportamentos violentos podem ter esses impulsos exacerbados pelo uso dos EAA (Lundholm *et al.*, 2015).

Além disso, o ciclo de uso e abstinência pode gerar instabilidade psíquica significativa. Durante o período de uso, há relatos de aumento da autoconfiança, euforia e sensação de poder — efeitos que, à primeira vista, são percebidos como positivos pelos usuários. No entanto, essa “fase de ascensão” é frequentemente seguida por estados depressivos, ansiedade e perda de

motivação quando o ciclo é interrompido, criando um padrão de oscilação emocional semelhante ao observado em transtornos do humor.

É importante destacar que os efeitos psíquicos dos EAA não ocorrem de forma isolada, mas se entrelaçam a contextos sociais, culturais e subjetivos que moldam a experiência dos usuários. A pressão por desempenho estético, o culto ao corpo e os ideais de virilidade e sucesso pessoal influenciam a forma como os indivíduos interpretam os efeitos das substâncias e decidem sobre sua continuidade ou interrupção.

Essa dimensão sociocultural é fundamental para compreender por que, mesmo diante dos riscos conhecidos, muitos usuários persistem no uso dos EAA. A valorização social da performance e da aparência cria um ambiente em que o sofrimento psíquico decorrente do uso é frequentemente silenciado ou racionalizado, especialmente em espaços como academias, onde a hipermasculinização do corpo é celebrada.

Por fim, o uso de EAA deve ser compreendido não apenas como uma escolha individual, mas como uma prática inserida em um conjunto de valores culturais que atribuem status, pertencimento e identidade a determinados corpos. Como afirma Le Breton (2003), o corpo é o lugar onde o sujeito se inscreve no mundo, e qualquer transformação corporal carrega, em si, um significado existencial. Nesse sentido, os impactos dos EAA sobre a saúde mental não são meramente efeitos colaterais, mas revelam tensões mais profundas entre o sujeito, seu corpo e os imperativos sociais que o atravessam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da história, o uso de substâncias para potencializar o desempenho físico revela uma constante busca humana pela superação dos limites corporais e pela conquista de performances extraordinárias. Desde as práticas rudimentares observadas na Grécia Antiga e entre os gladiadores romanos até o advento das tecnologias modernas associadas aos esteroides anabolizantes, verifica-se uma trajetória marcada por transformações científicas, avanços médicos e, sobretudo, por significativas pressões sociais e culturais.

Essa trajetória se intensificou ao longo do século XX, especialmente com a popularização dos EAA no esporte de alto rendimento e, posteriormente, com sua disseminação entre o público geral, em especial nos contextos da musculação e da cultura fitness. Atualmente, o uso dessas substâncias ultrapassa os limites do esporte e da estética, constituindo-se como um problema de saúde pública, diante do aumento do consumo abusivo e de suas consequências multifatoriais.

No Brasil, o uso de EAA entre adultos jovens, particularmente praticantes de musculação, tem crescido de forma expressiva. Embora essas substâncias tenham sido originalmente desenvolvidas para fins terapêuticos — como o tratamento de doenças que afetam o metabolismo proteico e promovem a recuperação muscular —, seu uso não terapêutico permanece prevalente, frequentemente sem qualquer orientação médica. Tal prática intensifica os riscos à saúde, incluindo disfunções nos sistemas cardiovascular, hepático, endócrino e reprodutivo. A recente resolução do Conselho Federal de Medicina, que proíbe a prescrição de EAA para fins estéticos e de desempenho físico, evidencia a crescente preocupação das entidades reguladoras com os impactos dessa prática e a urgência de estabelecer limites éticos e legais à sua utilização. No entanto, estratégias meramente repressivas e abordagens proibicionistas demonstram-se insuficientes, pois negligenciam os fatores psicossociais, culturais e subjetivos que impulsionam e sustentam o uso dessas substâncias.

A pesquisa evidencia que os usuários de EAA frequentemente buscam alcançar um “corpo ideal”, cuja representação social está associada a atributos como força, disciplina, controle e respeito. De acordo com Jodelet, Ohana, Besis-Moñino e Dannenmüller (1982, apud Goetz *et al.*, 2008), o corpo é concebido como um objeto de controle simbólico e expressão da dignidade. Nesse sentido, como destacam Chaves e Ferreira (2009), muitos sujeitos, atravessados por uma lógica prometeica e meritocrática, passam a crer que o corpo pode — e deve — ser moldado por meio de esforço contínuo, dietas rigorosas, treinos intensos e o uso de substâncias como os esteroides, para alcançar a imagem desejada. Essa construção, no entanto, está imersa em um paradoxo: ao mesmo tempo em que o corpo é exaltado como símbolo de saúde e sucesso, ele é submetido a práticas que colocam em risco justamente a saúde que se pretende representar.

Entre os efeitos mais preocupantes do uso de EAA estão os impactos na saúde mental. A literatura científica aponta uma série de transtornos psiquiátricos relacionados a essa prática, incluindo distúrbios de humor, transtornos de imagem corporal, comportamentos agressivos e até ideação suicida. Há também um risco elevado de manifestações de traços de personalidade antissociais, como narcisismo e impulsividade exacerbada. Muitos usuários desenvolvem transtornos como a dismorfia muscular, que distorce a percepção da própria imagem e alimenta um ciclo de insatisfação crônica, levando à adoção de comportamentos compulsivos voltados à modificação corporal. A dependência de esteroides é outro aspecto crítico, com sintomas de abstinência que intensificam quadros de ansiedade e depressão, além de alterações de humor que podem interferir negativamente nas relações interpessoais, sendo, em alguns casos,

necessário o acompanhamento psicoterapêutico, inclusive com intervenções em terapia de casal.

Com base nos achados, conclui-se que o uso de EAA está fortemente ancorado em motivações de ordem psicossocial, intensificadas por valores propagados pela cultura contemporânea. A cultura fitness, em particular, constrói uma memória social em torno da valorização de corpos hipermusculosos, promovendo uma idealização estética irreal e inatingível, constantemente reforçada pelas mídias sociais. Nesse contexto, o corpo deixa de ser apenas uma entidade biológica para se tornar um capital simbólico, um bem de troca que confere status, pertencimento e visibilidade social. A constante comparação com padrões corporais idealizados estimula sentimentos de inadequação e reforça a busca incessante por transformações físicas, mesmo que à custa da própria saúde.

Adicionalmente, a cultura da masculinidade hegemônica atua como fator de reforço ao uso de EAA. Essa cultura valoriza atributos como força, virilidade e autossuficiência, incentivando a construção de um corpo que simbolize domínio, poder e prestígio. Nesse cenário, o uso de esteroides ultrapassa o objetivo meramente estético, tornando-se um mecanismo de afirmação identitária e de conquista de reconhecimento social. Assim, compreende-se que o uso de EAA é um fenômeno complexo e multidimensional, que não pode ser reduzido a uma escolha individual ou ao desvio de conduta. Trata-se de uma prática inserida em um tecido sociocultural mais amplo, que envolve disputas simbólicas, construção de identidades, e exigências normativas sobre os corpos e subjetividades contemporâneos.

Portanto, o enfrentamento desse fenômeno exige estratégias intersetoriais, que articulem ações de educação em saúde, políticas públicas eficazes, abordagens psicossociais e reflexões críticas sobre os padrões culturais vigentes. Apenas com uma compreensão integrada e contextualizada será possível promover intervenções significativas, que contribuam para a redução dos danos associados ao uso de EAA e para a valorização de formas mais saudáveis e plurais de viver o corpo.

REFERÊNCIAS

ABRAHIN, O. S. C.; MOREIRA, J. K. R.; NASCIMENTO, V. C.; SOUSA, E. C. Análise sobre os estudos científicos do uso de esteróides anabolizantes no Brasil: um estudo de revisão. **FIEP Bulletin**, Foz do Iguaçu, v. 81, n. 2, p. 331-335, 2011.

ABRAHIN, O. S. C.; SOUSA, E. C. Esteróides anabolizantes androgênicos e seus efeitos colaterais: uma revisão crítico-científica. **Revista da Educação Física / UEM**, v. 24, n. 4, p. 669-679, out. 2013.

ALCÂNTARA, V. P.; VIEIRA, C. A. L.; ALVES, S. V. Perspectivas acerca do conceito de saúde mental: análise das produções científicas brasileiras. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 27, n. 1, p. 351–361, jan. 2022.

ALMEIDA, F. E. Esteróides anabolizantes: história, mecanismos de funcionamento e efeitos colaterais. **Revista Brasileira de Fisiologia do Exercício**, v. 9, n. 4, p. 266, dez. 2010.

ALVES, V. S. Modelos de atenção à saúde de usuários de álcool e outras drogas: discursos políticos, saberes e práticas. **Cad. Saúde Pública**, v. 25, n. 11, p. 2309-19. 2009.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**: DSM-5. 5.ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ASSUNÇÃO, S. S. M. Muscle dysmorphia. **Rev. Bras. Psiquiatr.**, v. 24, p. 80-84. 2002.

BAGGE, A. S. L.; ROSÉN, T.; FAHLKE, C.; EHRNBORG, C.; ERIKSSON, B. O.; MOBERG, T.; THIBLIN, I. Somatic effects of AAS abuse: A 30-years follow-up study of male former power sports athletes. **Sports Medicine Australia**, v. 20 n. 9 p. 814-818. 2017.

BEAMISH, R.; RITCHIE, I. The Spectre of Steroids: Nazi Propaganda, Cold War Anxiety and Patriarchal Paternalism. **The International Journal of the History of Sport**, v. 22, n. 5, p. 777–795, set. 2005.

BERGER, K. S. **O desenvolvimento da pessoa do nascimento à terceira idade**. 9. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2017.

BOURDIEU, P. Capital simbólico e classes sociais. **Novos estudos CEBRAP**, n. 96, p. 105–115. jul. 2013.

BRASIL. Conselho Federal de Medicina. **Resolução CFM nº 2.333, de 30 de março de 2023**. Diário oficial da união, Brasília, edição: 69, seção: 1 p. 226. mar. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/abcd/pt-br/composicao/regras-antidopagem-legislacao-1/ordenamento-juridico-1/arquivos-de-ordenamento-juridico/20235733.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2024.

CARVALHO, P.; FREITAS, L.; FERREIRA. Comparação social, insatisfação corporal e comportamento alimentar em jovens adultos. **Interação Psicol.**, Curitiba, v. 20, n. 2, p. 219-225. 2016.

CECCHETTO, F.; MORAES, D. R.; FARIAS, P. S. Distintos enfoques sobre esteroides anabolizantes: riscos à saúde e hipermasculinidade. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 16, n. 41, p. 369–382. abr. 2012.

CHARAL, C.; et al. Uso de esteroides anabolizantes por frequentadores de academias: Motivos e perspectivas. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 6. 2021.

CHAVES, S. F.; FERREIRA, T. N. No labirinto dos espelhos: o corpo e os esteróides anabolizantes. **Nitpress**. Niterói, 2009.

CISNEIROS, M. G. R.; SILVA, C. L. S.; SANDES, M. F.; FREIRE, R. A.; GONÇALVES, H. S.; XAVIER, B. M. F.; XAVIER, L. F. F.; OLIVEIRA, V. S. O uso de anabolizantes e

suas consequências: revisão de literatura / Anabolic steroids use and consequences: literature review. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 4, n. 6, p. 27986–27997, dez. 2021.

KANAYAMA et al. The normalization of steroid use. **Addiction**, v. 104, n. 12, p. 1979-1980, dez. 2009.

COURTINE, J. J. Os Stakhanovistas do Narciso: Body-Building e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo. In: SANT'ANNA, Denise Bernuzzi (Org.). **Políticas do corpo: elementos para uma história das práticas corporais**. São Paulo, Estação Liberdade, 2005. p. 81-114

CUNHA L. F. B.; SILVA, M. H.; LIMA, A. K. B. S.; SOUSA, T. B. C.; LIMA, C. B. Uso progressivo de anabolizantes: abordando efeitos desejados e malefícios causados a jovens e atletas. **Revista Temas em Saúde**, v. 17, n. 2, p. 249-259. 2017.

DARCOLETO, D. A. **Esteroides anabolizantes: conceitos históricos, mecanismos, mídia e a possível criação de políticas públicas: uma revisão de literatura**. 2018. 28 f. Trabalho de conclusão de curso (bacharelado - Educação Física) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Instituto de Biociências (Campus de Rio Claro), 2018.

DINIZ, G. de A. R.; MUNIZ, B. V. Uso de esteróides anabolizantes e os efeitos psicológicos. **Revista científica eletrônica de ciências aplicadas da FAIT**. n.2, maio de 2020. Disponível em: <https://revista.fait.edu.br/pub/1241>. Acesso em: 10 abr. 2025.

DUTRA, B. S. C.; PAGANI, M. M.; RAGNINI, Millena Pancotti. Esteróides Anabolizantes: Uma abordagem teórica. **Revista científica da faculdade de educação e meio ambiente**, v. 3, n. 2, p. 21-39. 2012. Disponível em: <https://revista.faema.edu.br/index.php/Revista-FAEMA/article/view/132> Acesso em: 10 abr. 2025.

ESTEVÃO, A.; BAGRICHEVSKY, M. Cultura da “corpolatria” e body-building: notas para reflexão. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 3, n. 3, 2009. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/remef/article/view/1316>. Acesso em: 11 abr. 2025.

FERREIRA, M. E.; CASTRO, P. A.; GOMES, G. A obsessão masculina pelo corpo: malhado, forte e sarado. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, v. 27, n. 1, p. 167-182. 2005. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/141>. Acesso em: 11 abr. 2025.

FIGUEIREDO, R. Uma história da testosterona sintética: de Brown Séquard a Rebeca Gusmão. **Anais do XXVII Simpósio nacional de história**. 2013.

FREITAS, N. C. D.; SILVA, M. M. R. da; BASSOLI, B. K.; SILVA, F. C. da. O uso de esteroides androgênicos anabolizantes por praticantes de musculação. **South American Journal of Basic Education, Technical and Technological**, [S. l.], v. 6, n. 2, p. 335–345, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/SAJEBTT/article/view/2985>. Acesso em: 10 abr. 2025.

GAWASH, A; ZIA, H.; AL-SHEHAB, U.; LO, D. F. Association of body dysmorphic–induced anabolic-androgenic steroid use with mental health outcomes: a systematic review.

Primary Care Companion for CNS Disorders, [S. l.], v. 25, n. 5, e23r03532, 2023.

Disponível em: <https://www.psychiatrist.com/pcc/association-body-dysmorphic-induced-anabolic-androgenic-steroid-use-mental-health-outcomes-systematic-review/>. Acesso em: 10 abr. 2025.

GESTSDOTTIR, S.; KRISTJANSDDOTTIR, H.; SIGURDSSON, H.; SIGFUSDOTTIR, I. D. Prevalence, mental health, and substance use in anabolic androgenic steroid users: a population-based study of young men. **Scandinavian Journal of Public Health**, v. 49, n. 5, p. 555–562, 2021. Disponível em: <https://shre.ink/M8KU>. Acesso em: 11 abr. 2025.

GOETZ, E. R.; CAMARGO, B. V.; BERTOLDO, R. B.; JUSTO, A. M. Representação social do corpo na mídia impressa. **Psicologia & Sociedade**, v. 20, n. 2, p. 226–236, ago. 2008.

GOLDSTEIN, J. A Secular trend toward earlier male sexual maturity: evidence from shifting ages of male young adult mortality. **Plos One**. 2011.

IRIART, J. A. B.; CHAVES, J. C.; ORLEANS, R. G. Culto ao corpo e uso de anabolizantes entre praticantes de musculação. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 25, n. 4, p. 773–782. 2009.

JODELET, D.; OHANA, J.; BESSIS-MOÑINO, C.; DANNENMÜLLER, E. **Système de representation du corps et groupes sociaux (Tech Rep. No. 1)**. Paris: Laboratoire de Psychologie Sociale, L'École des Hautes Études en Sciences Sociales. 1982.

KANAYAMA, G.; HUDSON, J. I.; POPE JR, H. G. Anabolic-Androgenic Steroid Use and Body Image in Men: A Growing Concern for Clinicians. **Psychotherapy and Psychosomatics**, v. 89, n. 2, p. 65–73. 2020. Disponível em: <https://shre.ink/M8vi>. Acesso em: 11 abr. 2025.

KANAYAMA, G.; POPE, H. G. History and Epidemiology of Anabolic Androgens in Athletes and non-athletes. **Molecular and Cellular Endocrinology**, v. 464, n. 28245998, p. 4–13. 2018. Disponível em: <https://shre.ink/M8vZ>. Acesso em: 11 abr. 2025.

KEANE, H. Diagnosing the male steroid user: drug use, body image and disordered masculinity. **Health**, v. 9, n. 2, p. 189–208. 2005. Disponível em: <https://shre.ink/M8vX>. Acesso em: 11 abr. 2015

LE BRETON, D. **Adeus ao corpo: antropologia e sociedade**. Campinas: Papirus, 2003.

LISE, M. L. Z.; GAMA E SILVA, T. S. DA; FERIGOLO, M.; BARROS, H. M. T. O abuso de esteróides anabólico-androgênicos em atletismo. **Revista da Associação Médica Brasileira**, v. 45, n. 4, p. 364–370, set. 1999.

MEDEIROS, E. M. Cultura de culto ao corpo e dismorfia muscular. **Psique**, v. 15, n. 1, p. 76–97, 2019. Disponível em: <https://revistapsique.autonoma.pt/wp-content/uploads/2020/11/Cultura-de-culto-ao-corpo-e-dismorfia-muscular-pp-76-97.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2025.

MARTINS, C. M.; CARIJÓ, F. H.; ALMEIDA, M. C. DE; DA SILVEIRA, M.; MIRAILH, M. X. N.; PEIXOTO, M. M.; MARTINS, R.; RAMALHO, T. M.; SHOLL-FRANCO, A.

Efeitos psicológicos do abuso de anabolizantes. **Ciências & Cognição**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 84–91, jul. 2005.

MORAES, D. R.; CASTIEL, L. D.; RIBEIRO, A. P. P. G. A. “Não” para jovens bombados, “sim” para velhos empinados: o discurso sobre anabolizantes e saúde em artigos da área biomédica. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 31, n. 6, p. 1131–1140, jun. 2015.

MUSSWEILER, T.; EPSTUDE, K. Relatively fast Efficiency advantages of comparative information processing. **Journal of Experimental Psychology: General**, v. 138, n.1, p. 1-21. 2009. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/2009-01083-001>. Acesso: 11 abr. 2024.

OLIVEIRA, L. L. DE; CAVALCANTE NETO, J. L. Fatores sociodemográficos, perfil dos usuários e motivação para o uso de esteroides anabolizantes entre jovens adultos. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 40, n. 3, p. 309–317, jul. 2018.

PAHLEN, B. The role of alcohol and steroid hormones in human aggression. **Vitam. Horm.**, v.70, p. 415-437. 2005.

PIACENTINO, D.; KOTZALIDIS, G. D.; CASALE, A. D.; AROMATARIO, M. R.; POMARA, C.; GIRARDI, P.; SANI, G. Anabolic-androgenic Steroid use and Psychopathology in Athletes. A Systematic Review. **Current neuropharmacology**, v.13, p.101-121. 2015.

POPE, H. G.; GRUBER, A. J.; CHOI, P. OLIVARDIA, R.; PHILLIPS, K. A. Muscle Dysmorphia: An Underrecognized Form of Body Dysmorphic Disorder. **Psychosomatics**, v. 38, n. 6, p. 548–555, nov. 1997.

POPE, H. G.; OLIVARDIA, R. GRUBER, A.; BOROWIECKI, J. Evolving ideals of male body image as seen through action toys. **International Journal of Eating Disorders**, v. 16, n.1, p. 65-72. 1999.

RAMALHO, L. A. DE L.; BARONI, E. A. Uso indiscriminado de esteróides anabolizantes androgênicos. **Arquivos do Mudi**, v. 7, n. 2, p. 13-16, mar. 2013.

SABINO, C. Anabolizantes: drogas de apolo. In: GOLDENBERG, M. (Org.). **Nu & vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca**. Rio de Janeiro. 2002. p. 139-188

SANCHES, J. C. A cultura do músculo no Instagram e as reinvenções da monstruosidade. **Revista Temática**, [s. l.], v. 18, n. 6, 2022.

SANTOS, V.; PRADO, V. Tá “monstrão”!: a construção da masculinidade em uma academia de musculação. **Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero**, [s. l.], v. 12, n. 1, p. 34-53, 2021.

SCAFF, A. **Anabolizantes: Vendas aumentam 670% no Brasil em cinco anos**. Valor econômico. São Paulo. Disponível em: <https://abrir.link/sIFEM>. Acesso em: 25. ago. 2024.

SCHWENGBER, M; BRACHTVOGEL, C; CARVALHO, R. Espriamento discursivo da cultura fitness na contemporaneidade. **Movimento**, v. 24, n. 4, p. 1167–1178, 2019.

SILVA, J. C. L. DA; TOLEDO, A. C. V. DE; LAMY, M. Doping esportivo e consumo de suplementos alimentares: uma relação delicada. **Cadernos Ibero-Americanos de Direito Sanitário**, v.10, n. 1, p. 56–75.

SOCI, U. P. R.; REDONDO, F. R. R.; FERNANDES, T.; ANGELIS, K.; IRIGOYEN, M. C.; COELHO, M.; OLIVEIRA, E. M. Esteróide anabolizante inibe a angiogênese induzida pelo treinamento físico de natação em músculo sóleo de ratos normotensos. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 23, n. 3, p. 195-209, 2009. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-46902009000300002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 15 nov. 2024.

SOLIGON, L.; DE TILIO, R. Revisão integrativa: mídias sociais e autoimagem de homens e mulheres. **Mudanças**, v. 31, n. 2, p. 169–179, 2024.

TRAMONTANO, L. **Universidade do Estado do Rio de Janeiro “Continue a nadar”**: sobre testosterona, envelhecimento e masculinidade. 2012. 120 p. Dissertação de mestrado. Programa de pós-graduação em saúde coletiva, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2012.

WORLD ANTI-DOPING AGENCY (WADA). **World Anti-Doping Code**: 2021 Edition. Montreal: WADA, 2021. Disponível em: <https://www.wada-ama.org>. Acesso em: 06 abr. 2025.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Mental health**: a state of well-being. [Internet]. 2014. Disponível em: http://www.who.int/features/factfiles/mental_health/en/. Acesso em: 14 set. 2024.

ZAHNOW, R.; MCVEIGH, J.; BATES, G.; HOPE, V.; KEAN, J.; CAMPBELL, J.; SMITH, J. Identifying a typology of men who use anabolic androgenic steroids (AAS). **International Journal of Drug Policy**. v. 55, p. 105–112, maio. 2018.